

## 06

**DO SOBRENATURAL COMO UMA  
FIGURA DE LINGUAGEM**

FÁBIO LUCAS PIERINI

**FÁBIO PIERINI**

Doutor em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Língua Francesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professor na Universidade Estadual de Maringá (UEM). GT Anpoll Vertentes do Insólito Ficcional e do Grupo CNPq Estudos de Literatura e Cultura da Belle Époque: LABELLE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6137312261604268>. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1856-5603>. E-mail: [fpierini@uem.br](mailto:fpierini@uem.br).

**RESUMO:** Um dos grandes desafios de se estudar a narrativa fantástica é lidar com sua relação com o sobrenatural. Embora tenhamos várias definições dicionarizadas, elas esbarram sempre no mesmo imbróglio quando da análise de um texto literário: se numa narrativa de ficção tudo é possível, por que há narrativas em que certos elementos são incluídos em sua trama para serem apontados como incongruentes ao modelo de real adotado pelo texto em si? Não bastaria apenas contar a história sem lembrar ao leitor de que aquilo contraria suas expectativas intuitivas do que é ou não possível no mundo real? Acontece que o que é real para uma cultura ou sociedade não o é para outra e uma narrativa tida como fantástica para uma delas, para a outra pode ser considerada banal, senão herética. Por essa razão, é preciso termos um conceito de sobrenatural

que supere aquele fundamentado exclusivamente na visão científica do mundo e permita que todo evento que supere física, mental ou tecnologicamente a capacidade humana de ação sobre o real, seja ele latente ou patente, concreto ou abstrato, seja o mais universal possível do ponto de vista textual ou discursivo, ficcional ou não. Por essa razão é que pretendemos demonstrar que o sobrenatural é, na verdade, uma figura de linguagem metonímica que torna concebível aquilo que está indisponível (seja porque está ausente, seja porque só é possível por meio da linguagem), pois apresenta o fenômeno (verificável ou não) no lugar da causa (real ou imaginária). A causa será criativa e original, resultante de uma elaboração fundamentada no pensamento abduativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sobrenatural. Metonímia. Ficção. Pensamento Abduativo.

**ABSTRACT:** One of the great challenges of studying fantastic narratives is dealing with their relationship with the supernatural. Although we have several dictionary definitions, they always run into the same problem when analysing a literary text: if anything is possible in a fictional narrative, why are there narratives in which certain elements are included in the plot only to be pointed out as incongruent with the model of reality adopted by the text itself? Wouldn't it be enough to simply tell the story without reminding the reader that it goes against their intuitive expectations of what is or is not possible in the real world? It turns out that what is real for one culture or society is not real for another, and a narrative considered fantastic for one of them may be considered banal, if not heretical, for the other. For this reason, we need to have a concept of the supernatural that goes beyond that based exclusively on the scientific worldview and allows any event that physically, mentally or technologically surpasses the human capacity for action on reality, whether latent or patent, concrete or abstract, to be as universal as possible from a textual or discursive point of view, fictional or not. For this reason, we intend to demonstrate that the supernatural

is, in fact, a metonymic figure of speech that makes conceivable that which is unavailable (either because it is absent or because it is only possible through language), since it presents the phenomenon (verifiable or not) in place of the cause (real or imaginary). The cause will be creative and original, resulting from an elaboration based on abductive thought.

**KEYWORDS:** Supernatural. Metonymy. Fiction. Abductive thought.

## INTRODUÇÃO

Se uma das principais questões dos estudos literários é “Por que contamos histórias?”, outra delas precisa ser “Por que contamos histórias com elementos sobrenaturais?” Ocorre que o que hoje consideramos elementos sobrenaturais eram, antigamente, parte do mundo em que as pessoas viviam. Apenas com o progresso tecnológico e científico é que foram estabelecidos critérios para verificar se um fenômeno realmente teria a possibilidade de ocorrer ou não, e os acontecimentos que não poderiam ser comprovados ganharam o selo do “sobrenatural”.

Isso seria indiscutível se vivêssemos num mundo em que ninguém acredita no que não pode ser comprovado, ou seja, se diante de um evento de causa desconhecida, assumíssemos sempre uma postura de ceticismo, de dúvida, até que ele fosse devidamente explicado. Entretanto, não é assim que a mente humana funciona: tão logo nos encontramos diante de um evento de causa desconhecida, mobilizamos várias estruturas cognitivas para explicá-lo, seja por meio da razão e do raciocínio lógico, seja por meio da criatividade e da arte.

Se pensarmos nas formas narrativas mais antigas, como o mito, a lenda, a fábula, o maravilhoso e os contos de fadas, perceberemos que o que temos são narrativas retrospectivas, ou seja, falam do passado a partir do presente de maneira a explicar quem somos, de onde viemos e quais devem ser nossos valores coletivos para continuar vivendo em sociedade. O elemento sobrenatural que apresentam não tem por função questionar os limites do pensamento científico, mas estabelecer relações de causa e efeito que tornam sua leitura uma experiência significativa e consolidar uma visão de mundo.

Já narrativas posteriores, como o gótico, o fantástico, o insólito e o realismo mágico, lidam respectivamente com a magia como recurso pré-científico, uma mistura realismo e fantasia que confunde o juízo do leitor, propondo a problematização das implicações de um evento sobrenatural num mundo em que ele não é possível, a transposição de metáforas e alegorias em situações concretas, e, por fim, a manifestação, seja ela sutil ou não, de entidades oriundas de crenças específicas numa realidade em que elas não são universalmente admitidas. São narrativas *propositivas*, ou seja, partem do princípio de simular o que aconteceria numa história considerados determinados pressupostos.

## **DEFINIÇÕES DO SOBRENATURAL**

Em trabalho anterior (Pierini, 2024), afirmamos que o sobrenatural é uma figura de linguagem que torna concebível aquilo que está indisponível, seja porque está ausente, seja porque simplesmente não existe ou só é possível por meio da linguagem. Dessa forma, o sobrenatural deixa de ser, conforme dizia Todorov (2010), quando

citava suas funções, ora um recurso *ex machina* para resolver entraves do enredo, ou um substituto de questões problemáticas do mundo real que poderiam render represálias ao autor. Também nos é possível contornar as restrições impostas por Nathalie Prince (2009) ao sobrenatural no que diz respeito à narrativa fantástica (nosso principal objeto de estudos, mas não o único), segundo as quais o sobrenatural não é um elemento pertinente, nem suficiente ou necessário.

A definição mais comum de sobrenatural que podemos procurar, está nos dicionários. Como não pretendemos fazer uma consulta exaustiva a vários volumes porque, de certa forma, eles não apresentariam grandes inconsistências entre si — vamos apresentar, inicialmente, a definição do dicionário eletrônico Houaiss (2009):

n adjetivo de dois gêneros

1. que ultrapassa o natural, fora das leis naturais, fora do comum; extranatural

Ex.: poderes s.

2. Derivação: por extensão de sentido.  
que não é conhecido senão pela fé

Ex.: revelação s.

3. Derivação: sentido figurado.

muito grande ou intenso; extraordinário, excessivo

Ex.: esforço s.

4. Derivação: sentido figurado.

m.q. sobre-humano

Ex.: era de uma generosidade s.

n substantivo masculino

5. o que está além do natural

Ex.: muitos temem o s.

6. Derivação: por extensão de sentido.

tudo que é muito extraordinário ou maravilhoso.

(Dicionário eletrônico Houaiss, 2009)

Ele ainda apresenta como sinônimos os termos

“celeste, celestial, celestino, divino, extranatural, hiperfísico, imaterial, mágico, maravilhoso, milagroso, miraculoso, preternatural, sobre-humano, super-humano, supernatural, supra-humano, supranatural, ultranatural; como adj.: ver sinonímia de admirável”. (Dicionário eletrônico Houaiss, 2009)

Embora os dicionários tenham também como propósito também tornar acessível o conhecimento erudito a quem domine apenas o senso comum, percebemos que tanto os exemplos quanto os sinônimos trabalham elementos do senso comum, ainda que termos como “extranatural”, “hiperfísico” ou “preternatural” estejam presentes. Além disso, ao nos referenciarmos ao senso comum, estamos contando com a possibilidade de o espectador conhecer ao menos um dos sinônimos ou exemplos para poder entender a definição buscada. De uma forma geral, sobrenatural, no dicionário não especializado, é um termo cujo conceito o pesquisador já supõe conhecer, mas só não saberia que aquela palavra também serve para designá-lo.

Procuramos então num dicionário especializado, o *Les mots du merveilleux et du fantastique*, de Millet e Labbé:

É qualificado como sobrenatural todo evento que, aparentemente, não pertence à nossa realidade, que parece escapar às leis da natureza. Em literatura, é um evento extraordinário, ligado ao maravilhoso, ao fantástico ou ao estranho. O sobrenatural pode ser encarnado através de aparições de personagens que não deveriam existir segundo nossas leis físicas: **fantasmas**, **lobisomens**, **vampiros**, através de acontecimentos teoricamente impossíveis: **aparições** e desaparecimentos de objetos, atravessamento de paredes, **invisibilidade** ou ainda através de lugares fora do comum: **casas**

**assombradas**, caminhos que dão para outro mundo, aposento inexistente [...] Todo elemento maravilhoso ou fantástico pertence, portanto, ao sobrenatural.<sup>1</sup> (Millet; Labbé, 2003, p. 437-438, grifos do autor. Tradução nossa<sup>2</sup>)

Aqui temos algumas diferenças, principalmente o fato de levar em conta o caso da literatura, que se complica quando se trata de ficção, e a questão de que existem *leis naturais* que não permitem a manifestação de certos eventos. Notemos também o cuidado com que o redator do verbete lida com a questão: “parece *escapar às leis da natureza*”, “personagens que não *deveriam existir*”, “acontecimentos *teoricamente impossíveis*”. Nesse caso, podemos supor que tal cuidado se deva ao fato de que a crença no sobrenatural, apesar de um redator de dicionário voltado para um público erudito ser mais inclinado ao discurso científico, é algo a ser considerado quando de seu estudo, mesmo num texto literário ficcional.

Considerando que não percebemos o mundo a partir dele mesmo, mas da ideia que fazemos dele por meio da linguagem, que é o veículo de nossas visões de mundo por meio das tradições da coletividade de que participamos desde o nascimento, não há discurso que possa ser, ele também, entendido por si mesmo. Nossa dificuldade de entender

- 
- 1 Est qualifié de surnaturel tout événement qui, apparemment, n'appartient pas à notre réalité, qui semble échapper aux lois de la nature. En littérature, c'est un événement extraordinaire lié au merveilleux, au fantastique ou à l'étrange. Le surnaturel peut s'incarner à travers des apparitions des personnages qui ne devraient pas exister selon nos lois physiques: **fantômes, loups-garous, vampires**; à travers événements théoriquement impossibles: **apparitions** et disparitions d'objets, passages à travers les murs, **invisibilité**, ou encore à travers des lieux hors du commun : **maisons hantées, routes** donnant sur un autre monde, pièce n'existant pas [...] Tout élément merveilleux ou fantastique appartient donc, au surnaturel.
  - 2 Todas as citações em língua estrangeira são de nossa tradução.

uma explicação ou definição vem do fato de que nada sabemos sobre aquele assunto ou não temos uma opinião formada sobre ele. Muitas vezes até discordamos das explicações e definições que nos apresentam sobre um assunto e por isso mesmo somos impermeáveis ao discurso que as apresenta e, por isso mesmo, caímos na incompreensão.

Dessa forma, podemos entender que, se uma história nos é compreensível, é porque ela compartilha elementos com nosso conjunto de crenças e é admitida como plausível pelo nosso sistema de inferências (Boyer, 2001). Ou seja, se o elemento sobrenatural de uma narrativa ou discurso faz sentido para nós é porque ele nos foi apresentado dentro de um conjunto de expectativas intuitivas que também compartilhamos com o interlocutor e aquilo que ouvimos ou lemos se torna uma experiência significativa para nós. Conforme o próprio Boyer

Nós não temos nenhuma dificuldade em ter expectativas precisas acerca de objetos imaginários [...] A partir de um mínimo de informações, nós exploramos nossas categorias ontológicas e as inferências que elas contêm para elaborar previsões particulares. Isso confirma uma realidade psicológica completamente geral: a imaginação humana não é um “vale tudo”, uma mistura intelectual em que todas as combinações conceituais são igualmente possíveis e válidas desde que a mente se libere de seus entraves conceituais. A imaginação é, ao contrário, fortemente limitada por estruturas mentais como os esquemas conceituais.<sup>3</sup> (Boyer, 2001, p. 90-91)

---

3 Nous n'avons aucun mal à avoir des attentes précises à propos d'objets imaginaires [...] À partir d'un minimum d'informations, nous exploitons spontanément nos catégories ontologiques et les inférences qu'elles contiennent pour élaborer des prévisions particulières. Cela confirme une réalité psychologique tout à fait générale : l'imagination humaine n'est pas un « tout est permis », un méli-mélo intellectuel où toutes les combinaisons conceptuelles sont également possibles et valables dès que l'esprit se libère de ses entraves conceptuelles. L'imagination est au contraire fortement limitée par des structures mentales comme les schémas conceptuels.

Embora Boyer esteja tratando de religiões de um ponto de vista antropológico, podemos tomar emprestadas suas ideias para lidar com o sobrenatural ficcional, compreendendo que, embora nossa imaginação viole certas leis naturais conhecidas, outras são preservadas: essa violação tem um limite para ser aceita como verossímil e algumas funcionam e outras não:

Em particular, para formar percepções, nossa mente precisa que fatos reais sejam produzidos nas proximidades. É a partir dessas percepções que nossa mente pode se formar uma opinião sobre o que aconteceu. Nós sabemos, portanto, intuitivamente que existe uma ligação de causa e efeito que vai dos acontecimentos às percepções e das percepções às opiniões e não o contrário. O fato de ter uma opinião sobre fatos que não ocorreram viola essas expectativas.<sup>4</sup> (Boyer, 2004, p. 106)

Boyer conclui seu raciocínio explicando que o sobrenatural que sobrevive ao tempo, ou seja, aquele que continua presente em narrativas gerações após gerações é aquele que viola categorias ontológicas sem que essa violação atinja o nível do bizarro. Entretanto, ainda é preciso conservar em nossa mente que o sobrenatural do mito e da lenda viola minimamente essas categorias conforme elas eram culturalmente assimiladas em sua época de consolidação, diferentemente do sobrenatural do fantástico e do gótico — que se consolidam numa época pós-Iluminismo. Além disso, quanto mais a ciência avança, desmistificando eventos paranormais ou que

---

4 En particulier, pour former des perceptions, notre esprit a besoin que des faits réels se produisent à proximité. C'est à partir de ces perceptions que notre esprit peut se former une opinion sur ce qui s'est passé. Nous savons donc intuitivement qu'il existe un lien de cause à effet qui va des événements vers les perceptions et des perceptions vers les opinions, et non l'inverse. Le fait d'avoir une opinion sur des faits qui ne se sont pas produits viole ces attentes.

aparentem desafiar as leis naturais conhecidas, mais para longe dos instrumentos de investigação a crença no sobrenatural se guia.

Vamos agora para uma terceira definição de sobrenatural, vinda de um autor erudito, mas crente no sobrenatural, Henry Leenhardt (1932), cujo artigo é a respeito de nosso objeto de análise aqui, mas também sobre aquilo que foge das leis naturais conhecidas e que a ciência não pode explicar: o milagre.

O sobrenatural não conseguiria encontrar lugar numa construção teórica baseada em postulados de causalidade. Se ele existe na realidade, a ciência não conseguiria homologar suas manifestações, porque estas não são funções naturais, as únicas que a ciência pode e deve conhecer. Se a ciência deixasse entrar o sobrenatural em suas considerações teóricas, ela esterilizaria seu esforço de construção. O sobrenatural só aparece além da pesquisa científica, na região onde os fenômenos naturais implicam uma qualificação que faz deles o que eles realmente são [...]. É na própria ordem natural que essa qualificação se realiza; é pelo fato de ela responder à ordem teórica da ciência. Dessa forma, o mundo pode ser visto sob dois aspectos muito diferentes: um teórico, que mostra a ordem propriamente científica, a ordem legal, a ordem do possível; a outra, filosófica, que mostra a ordem sobrenatural, histórica e propriamente real<sup>5</sup> (Leenhardt, 1932, p. 230-231)

- 5 Le surnaturel ne saurait trouver place dans une construction théorique fondée sur les postulats de la causalité. S'il existe dans la réalité, la science ne saurait homologuer ses manifestations, parce que ses manifestations ne sont pas des fonctions naturelles, les seules que la science peut et doit connaître. Si la science faisait entrer le surnaturel dans ses considérations théoriques, stériliserait son effort de construction. Le surnaturel n'apparaît qu'au-delà de la recherche scientifique, dans la région où les phénomènes naturels impliquent une qualification qui les fait ce qu'ils sont réellement [...] C'est dans l'ordre naturel lui-même que cette qualification se réalise ; c'est pourquoi elle répond à l'ordre théorique de la science. En sorte que le monde peut être vu sous deux aspects fort différents : l'un théorique, qui montre l'ordre proprement scientifique, l'ordre légal, l'ordre du possible ; l'autre philosophique, qui montre l'ordre surnaturel, historique e proprement réel.

Aqui encontramos o grande problema de ordem etimológica da palavra sobrenatural: se um fenômeno, força ou entidade se manifesta “acima” ou “para além” do natural, então ele está incluído no natural e passa a ser possível, existente. Entendemos também, por essa passagem de Leenhardt que, para ele, o sobrenatural é real, embora não pertença à ordem do científico. Mais adiante, antes de entrar no seu tema principal, o milagre (que não abordaremos aqui), ele conclui, acerca do sobrenatural:

Se por um lado o mundo não pode ser esgotado pelo conhecimento científico, é precisamente porque as relações científicas são teóricas e que a realidade exige um poder sobrenatural que a condicione: o mundo é a realização, em quadros naturais, das vontades de Deus. O sobrenatural não existe na teoria científica: ele só existe na realidade. Ele não existe *contra* as leis naturais, ele existe *através* delas: é o sobrenatural que anima o natural e que lhe presta razão.<sup>6</sup> (Leenhardt, 1932, p. 232, grifos do autor)

Mesmo considerando que Leenhardt tem um propósito de nos convencer que o sobrenatural se manifesta através do real por ser obra de um Criador, o Deus dos cristãos — pois este é o sistema de crenças a partir do qual ele analisa a questão —, podemos considerar que ele apresenta uma definição complementar às anteriores encontradas tanto no dicionário generalista quanto no especializado. Mais do que isso, é necessário entender haver um discurso segundo o qual o

---

6 Si d'autre part le monde ne peut être épuisé par la connaissance scientifique, c'est précisément parce que les relations scientifiques sont théoriques et que la réalité exige une puissance surnaturelle qui la conditionne : le monde est la réalisation , dans des cadres naturels, des volontés de Dieu. Le surnaturel n'existe pas dans la théorie scientifique : il n'existe que dans la réalité. Il existe *contre* les lois naturelles, il existe à travers elles : c'est le surnaturel qui anime le naturel et qui en rend saison.

sobrenatural é um fato concreto independentemente da necessidade de demonstração científica e participa de textos e discursos religiosos tanto quanto ficcionais. E isso interfere tanto na escrita quanto na leitura desses textos, seja da parte de leitores em geral quanto da crítica especializada.

Assim sendo, podemos dizer haver uma definição dominante nos meios acadêmicos, que é aquela que encontramos também em textos de vulgarização para o público em geral, segundo a qual o sobrenatural é resultado de uma leitura equivocada de um evento natural cujas explicações já existem, mas o observador as desconhece, ou de um evento devidamente documentado, mas cujas explicações a ciência ainda não elaborou por falta de recursos tecnológicos que lhe permitam investigar mais apropriadamente a questão. Essa é a definição na qual os autores que estudam o fantástico e demais gêneros narrativos semelhantes se baseiam para realizar suas análises e críticas e é exatamente ela que complica nosso trabalho quando estamos diante de uma narrativa de ficção.

Porém, antes dessa definição, o senso comum já distinguia o natural do sobrenatural. Lemos uma narrativa e tendemos a classificá-la dentro de categorias do insólito ficcional por causa de um sobrenatural (patente ou latente) que percebemos, mas que, dada a definição científica do termo, não conseguimos enquadrar e desistimos da empreitada ou criamos uma nova terminologia com nova definição (realismo fantástico; real maravilhoso; neofantástico etc.).

Embora tenhamos tentado encontrar uma definição baseada no senso comum para o sobrenatural, tivemos de elaborar uma que se

alinhasse ao conhecimento intuitivo dos leitores, críticos e teóricos para além da definição científica e estabelecer uma contraposição que nos permitisse chegar a uma síntese. Nossa elaboração ficou da seguinte maneira: *para o senso comum, o sobrenatural é todo fenômeno que supere física, intelectual ou tecnologicamente a capacidade humana de agir sobre o real*. Dessa forma, podemos entender o sobrenatural independentemente da época (porque descobertas científicas e avanços tecnológicos reorganizam o que pode ou não ser sobrenatural) ou da cultura (especialmente no que diz respeito a crenças religiosas ou superstições).

Considerando ambas as definições, podemos entender então que autores escrevem com base na definição do senso comum e pesquisadores analisam com base na definição científica, o que gera as dificuldades de classificação e até mesmo de análise das obras em questão. Até mesmo obras em que o sobrenatural em ambas as acepções não esteja presente, dão aos pesquisadores o desejo de as colocarem na mesma prateleira que outras consagradas ou adotarem terminologias de significado semelhante por contiguidade, como “estranho” ou “absurdo”.

Vejamos como Filipe Furtado, teórico da narrativa fantástica, trata a questão do sobrenatural:

Antes de prosseguir com a análise das modalidades desta temática usualmente encenadas no fantástico, torna-se conveniente um esclarecimento acerca do sentido aqui atribuído ao qualificativo *meta-empírico*. Com ele se pretende significar que a fenomenologia assim referida está para além do que é verificável ou cognoscível a partir da experiência, tanto por intermédio dos sentidos

ou das potencialidades cognitivas da mente humana, como através de quaisquer aparelhos que auxiliem, desenvolvam ou supram essas faculdades. Portanto, o conjunto de manifestações assim designadas inclui não apenas qualquer tipo de fenômenos ditos sobrenaturais na acepção mais corrente do termo (aqueles que, a terem existência objetiva, fariam parte de um sistema de natureza completamente diferente do universo conhecido), mas também todos os que, seguindo embora os princípios ordenadores do mundo real, são considerados inexplicáveis e alheios a ele, apenas devido a erros de percepção ou desconhecimento sobre esses princípios por parte de quem porventura os testemunhe. Sobre este último aspecto, recorde-se que muitas ocorrências entendidas durante milênios como sobrenaturais vieram, em etapas posteriores do desenvolvimento humano, a ser plenamente compreendidas e, por consequência, racionalizadas, integradas no plano da natureza conhecida. Por outro lado, um conjunto de fenômenos inteiramente explicáveis e naturais para determinada civilização pode ser objeto de leitura sobrenatural por outra sociedade contemporânea da primeira que se encontre num estágio cultural e tecnológico muito mais atrasado [...] Apesar de o qualificativo “meta-empírico” ser aquele que com maior rigor ou, pelo menos, com maior aproximação, define o tipo de fenômenos atrás referido, por comodidade de expressão empregar-se-á aqui um conjunto de outros epítetos de uso bastante corrente que, desde já, se convencionou considerar seus equivalentes no tocante à qualificação de tal fenomenologia: “sobrenatural”, “extranatural”, “meta-natural”, “alucinado”. Contudo, convém deixar claro que expressões como “sobrenatural” ou “extranatural” não garantem uma qualificação inteiramente satisfatória dos fenômenos em questão, sobretudo da sua relatividade e do modo variável como têm sido encarados em enquadramentos temporais e culturais diversos. (Furtado, 1980, p. 20-21)

Aqui, Furtado, de certa forma, resume o que viemos discutindo até então, desde os problemas com a terminologia até o fato de o que era sobrenatural no passado, depois de estudos científicos, acabou se tornando parte do conhecimento que Leenhardt chama de teórico. A grande preocupação de Furtado aqui é atribuir uma terminologia ainda não carregada de sentidos culturais que pudessem resultar nos mesmos problemas. Entretanto, se pensarmos etimologicamente no termo metaempírico, podemos chegar ao paroxismo de *empírico do que é empírico* ou *empírico por meio de algo*.

A nosso ver, esse empírico por meio de algo é por meio da leitura, por meio do texto ou discurso que promove uma experiência significativa ao destinatário da mensagem. E, conforme já afirmamos anteriormente, se depreendemos o real por meio da linguagem, o metaempírico é o meio pelo qual experienciamos o sobrenatural, mas sempre dentro dos limites já comentados quando tratamos das ideias de Boyer: o sobrenatural é contrafactual (do ponto de vista científico), mas também minimamente contraintuitivo (do ponto de vista de nossas expectativas intuitivas) e é por isso que ele chama nossa atenção e fica gravado em nossa memória por mais tempo do que eventos factuais (cientificamente comprovados) ou extremamente contraintuitivos (inacreditáveis).

No que se refere à oposição entre minimamente contraintuitivo e extremamente contraintuitivo, precisamos entender que o sobrenatural é percebido pelas pessoas em geral como aquilo que ficou conhecido no passado como *mirabilia* ou, em nossa língua atual, *maravilha*, aquilo que nos encanta, atrai nossa atenção de tal maneira

que não conseguimos evitar contemplar. Entretanto, vários gêneros narrativos fazem uso do sobrenatural não com o objetivo de maravilhar ou inquietar seus espectadores embora representem eventos que superam física, intelectual e tecnologicamente a capacidade humana de agir sobre o real.

Se pensarmos no mito e na lenda, o elemento sobrenatural nelas presente não está lá para inquietar nem para maravilhar, mas para demonstrar, no caso do mito, quão superiores eram nossos deuses e heróis para fundar civilizações inteiras e, em se tratando da lenda, como uma coisa deixou de ser o que ou como era, para se tornar o que conhecemos hoje e consolidar uma cultura.

Quando pensamos em fábulas e seus animais, plantas e objetos falantes, também estamos diante do sobrenatural, mas aqui ele é empregado como uma alegoria ou metáfora: sem que um animal reconhecido coletivamente pelas suas características simbólicas “dê sua palavra” sobre algum assunto, normalmente moral, essa narrativa teria seu alcance muito menor às novas gerações, pois um animal falante, embora contrafactual, é também minimamente contraintuitivo, visto que animais, em geral, se comunicam de alguma forma. Já no conto maravilhoso, o sobrenatural se manifesta por meio da magia, aquilo que Leenhardt (bem como outros estudiosos) chama de estado pré-científico: um recurso *ex machina* para poder permitir aos personagens resolverem seus problemas, como deslocamento por grandes distâncias, fome, pobreza, doença e às vezes até a própria morte.

É a partir da virada do século XVIII para o XIX, quando E.T.A. Hoffmann escreve suas *Phantasiestücke als Calot manier* (“Peças

de fantasia à moda de Calot”), que Loeve-Veimars traduz para o francês como *Contes fantastiques*, que o sobrenatural torna-se um imbróglio para os estudos literários e nos leva para nossa principal questão nos estudos do fantástico como gênero narrativo à parte: se numa narrativa de ficção tudo pode acontecer, porque o autor narra situações em que os personagens se questionam (como se faria no mundo real) sobre a natureza dos eventos que testemunham?

Em terras britânicas, o gótico já havia se manifestado por meio de narrativas que misturavam real e maravilhoso, mas quando não ligado ao mágico religioso à maneira das novelas de cavalaria e escatologia cristãs, tudo poderia não passar de uma interpretação equivocada dos fatos. No caso do fantástico, que se desenvolve no século XIX a partir da difusão da obra de Hoffmann, o sobrenatural é uma forma de problematizar as implicações de sua presença num ambiente em que ele não é possível: esse é o espírito político, cultural e social que a Europa central está vivendo nesse momento com sua rápida industrialização, colonização de outros continentes e aumento da carga de trabalho e da pobreza entre a população em geral. Segundo Sade (*Ensaio sobre o romance*, 1799), por causa desse clima, os autores precisavam buscar um meio termo entre o realista e o fantasioso de maneira a tratar o leitor com a dignidade que ele merecia.

### **FIGURA DE LINGUAGEM**

Pelas razões até aqui discutidas, preferimos propor uma terceira definição, segundo a qual *o sobrenatural é uma figura de linguagem metonímica que torna concebível o que está indisponível*, porque coloca o fenômeno (verificável ou não) no lugar da causa (real ou

imaginária). A relação entre esses elementos não é arbitrária nem aleatória, pois se baseia em nossa experiência física e cultural, fruto de uma dinâmica natural de nossa mente.

Figuras de linguagem, segundo Azeredo (2008), são

[...] formas simbólicas ou elaboradas de exprimir ideias, significados, pensamentos, etc., de maneira a conferir-lhes maior expressividade, emoção, simbolismo, etc., no âmbito da afetividade ou da estética da linguagem. Portanto, é interessante ter em mente que as figuras de linguagem não valem por si mesmas, como elementos autônomos sem qualquer relação com a semântica do texto [...] Como as palavras, as figuras de linguagem não significam isoladas, independentes; sua significação emana das *combinações* de que elas participam nos contextos situacional e linguístico de sua ocorrência. Como elas estão inseridas na macrossemântica do texto, sua capacidade de expressar uma significação não depende só delas, o que torna inócuo o seu inventário, o seu mero reconhecimento sem que se tenha a devida competência linguística para perceber a sua funcionalidade no amplo complexo da textualidade. (Azeredo, 2008, p. 483)

Ao considerarmos o sobrenatural uma figura de linguagem e o identificarmos como um elemento resultante da posição de uma coisa pela outra por contiguidade, entendemos tratar-se de uma *metonímia*, pois apresenta o *efeito no lugar da causa*. No caso específico da metonímia, Azeredo afirma o seguinte:

Consiste na transferência de um termo para o âmbito de um significado que não é o seu, processado por uma lógica que se dá, não na semelhança, mas na contiguidade de ideias. Diferentemente da metáfora, na metonímia a associação semântica se realiza pela supressão de termos sintáticos; logo, sua articulação

se dá no eixo sintagmático. Sua atuação ocorre em apenas um domínio conceptual, pois os termos que se relacionam pertencem ao mesmo campo sêmico, de maneira que um substitui o outro. A relação metonímica pode indicar interdependência, inclusão, implicação etc. (Azeredo, 2008, p. 485)

De um ponto de vista cognitivo, podemos ir um pouco além, para trazer o efeito metonímico da linguagem para as ações e pensamentos cotidianos e entender o sobrenatural não como o maravilhamento do espectador diante de um fenômeno que supere suas expectativas intuitivas acerca de como ele deveria ocorrer dentro dos limites de sua cultura, mas sim como uma forma de expressão e interpretação de eventos de causa desconhecida e tomar um pelo outro de forma criativa e original.

Segundo Lakoff e Johnson (1981), a metonímia tem uma função referencial que nos permite usar uma entidade para representar outra, mas que não é um mero dispositivo referencial, porque serve à função de fornecer entendimento. Embora a metonímia até sirva a alguns dos mesmos propósitos da metáfora, é ela que nos permite focar mais especificamente em certos aspectos do que está sendo referido (p. 35-38). Além disso, conforme já dito, a metonímia não é arbitrária nem aleatória e por isso mesmo não pode ser tratada como uma instância isolada. Ela também é sistematizadora porque organiza nossos pensamentos e ações e porque nos permitem conceitualizar uma coisa pelo significado com algo mais (p. 40). Mais do que isso, ela estrutura nossa linguagem, nossos pensamentos e ações, fundamentando-se em nossa experiência: é uma fundamentação mais óbvia do que a metáfora porque envolvem associações físicas

ou causais diretas. E, por fim, “metonímias simbólicas que se fundamentam em nossa experiência física, fornecem um significado essencial que permite compreender conceitos culturais e religiosos”<sup>7</sup> (Lakoff; Johnson, 1980, p. 41).

### **COINCIDÊNCIAS FORTUITAS E ESTADOS ALTERADOS DE CONSCIÊNCIA**

Considerando então que o processo metonímico se baseia numa experiência real que é contígua à sua forma de expressão — tanto a religião quanto as narrativas ficcionais do sobrenatural —, qual é essa experiência compartilhada tanto por crentes quanto por não crentes para que tais narrativas sejam reconhecidas como verossímeis o suficiente para serem assimiladas pelo espectador e lhe proporcionar uma experiência significativa ao final da qual ele terá uma nova visão sobre o mundo (que é papel social da literatura)?

Essas experiências nos propõem um mistério e, por abdução, tentamos decifrá-las. Essa decifração passa por um processo ao final do qual, por contiguidade com nosso conhecimento prévio, forjado em nossa cultura experimental, criamos uma força ou entidade sobrenatural que dá significado aos eventos de causa desconhecida vivenciados. A nosso ver, são dois os tipos de experiências do mundo real que servem de matéria prima para uma elaboração sobrenatural do mundo: *os estados alterados de consciência e as coincidências fortuitas*.

Os estados alterados de consciência nos dão a impressão de que outra dimensão existe para além da nossa e que ela é habitada por seres que interferem em nossa realidade. Já as coincidências fortuitas

---

7 Symbolic metonymies that are grounded in our physical experience provide an essential means of comprehending religious and cultural concepts.

nos permitem crer haver forças e leis para além das conhecidas pela ciência e que agem de forma independente e caprichosa de forma a realizar projetos inefáveis.

Segundo Roderick Main (2004), as coincidências podem ser divididas em três tipos: o mero acaso (lei dos números grandes, julgamento errado das probabilidades, heurística cognitiva), a influência de crenças (percepção, julgamento e memória) e as causas normais (fonte comum, relação causal não detectada, criptomnésia, percepção subliminar ou intensificada, ilusão consciente ou inconsciente). Sobre o mero acaso, Main afirma que

Eventos que parecem ser coincidências significativas podem frequentemente ser plausivelmente explicadas como produto do acaso. Nossa geralmente pobre ciência do que pode e é de fato provável ocorrer puramente por acaso pode ser responsável por nossa atribuição especial de significância a eventos que na realidade não têm tal significância. Explícita ou implicitamente, essa estratégia para explicar coincidências apela para considerações que derivam da teoria da probabilidade e da psicologia cognitiva.<sup>8</sup> (Main, 2004, p. 27)

Sobre a lei dos números realmente grandes, Main afirma que, com uma amostra grande o bastante, qualquer coisa ultrajante é provável de acontecer. Quando tais eventos ocorrem, eles frequentemente são notados e lembrados. Se eles ocorrem conosco ou com alguém

---

8 Events that appear to be meaningful coincidences can often be plausibly explained simply as products of chance. Our generally poor awareness of what can and indeed is likely to occur purely by chance may be responsible for our attributing special significance to events which in reality have no such significance. Explicitly or implicitly, this strategy for explaining coincidences appeals to considerations deriving from probability theory and cognitive psychology.

que conhecemos, é difícil escapar desse sentimento assustador. Isso acontece porque ignoramos a lei dos grandes números e não temos condições, em geral, de avaliar probabilidades. Há também o julgamento por representatividade que é quando consideramos a frequência, mas ignoramos o tamanho da amostra. Já o julgamento por disponibilidade é nossa capacidade de avaliar uma amostra pela facilidade com que a acessamos, ou seja, quanto mais testemunhamos um evento, mais acreditamos que ele é frequente, quando na verdade podemos estar em um dos poucos lugares onde ele ocorre (p. 29).

Em considerações psicológicas mais avançadas, Main afirma que as crenças podem influenciar na percepção, no julgamento e até mesmo na memória:

[...] crenças podem nos influenciar a fazer ‘correlações ilusórias’ entre eventos, que a confiança numa teoria pode nos levar a processar informação seletivamente a ponto de reforçar nossas crenças; que a recente exposição a uma teoria—ou seja, sua disponibilidade a nós — pode nos causar a seleção precisamente dessa teoria explicativa mais do que outra alternativa; e que essa informação ambígua é especialmente fácil de interpretar de um jeito que se encaixe em nossas expectativas [...] [I]nformações frequentemente não influenciam em nossas crenças [...] não importando se é uma questão de crenças estabelecidas, novas crenças ou crenças que já se descobriu serem base de falsa informação.<sup>9</sup> (Main, 2004, p. 29)

9 [...] beliefs can influence us to make ‘illusory correlations’ between events; that confidence in a theory can lead us to process information selectively so as to strengthen our beliefs; that the recency of our exposure to a theory – that is, its availability to us – can cause us to select precisely this explanatory theory rather than some alternative one; and that ambiguous information is especially easy to interpret in a way that fits our expectations [...]. She also adduces considerations suggesting that information often does not influence our beliefs [...], no matter whether it is a question of established beliefs, new beliefs, or even of beliefs that are discovered to have been adopted on the basis of false information.

Por fim, Main se refere às causas normais, que ocorrem quando diferentes eventos derivam de uma fonte em comum, quando a relação causal existe, mas não é detectada porque a testemunha não sabe que ela está lá, quando a memória acessa a consciência, mas não é reconhecida como tal, que é o caso do *déjà-vu*, quando as pessoas extraem informações do meio ambiente de forma não verbal e têm a impressão de estar “recebendo” essa informação de uma fonte sobrenatural e, finalmente, quando estamos diante de uma ilusão (consciente ou inconsciente), como os truques de mágica.

Do ponto de vista de nosso trabalho, toda coincidência é fortuita, pois remete à ideia de agente sobrenatural, seja ele uma entidade (que age como uma pessoa, a partir de seus interesses e propósitos) ou uma força (que age como uma lei que se cumpre por vontade própria, sem a necessidade de meios exteriores, podendo ou não nos favorecer).

Os estados alterados de consciência, segundo Allan Hobson (2010) ocorrem quando nosso cérebro não está ciente do que se passa fora dele, não está ciente do seu próprio estado de consciência e não está ciente do fato de estar ciente de outras coisas. Isso quer dizer que alterar um estado de consciência tem a ver com o nível de ciência que temos do que nos cerca. Os estados alterados podem se manifestar por meio dos sonhos, das enfermidades mentais, da hipnose, da meditação ou do uso de drogas psicoativas. Assim como as coincidências fortuitas, são usados em narrativas fantásticas tanto para gerar um efeito de ambiguidade quanto para admitir que uma narrativa não é fantástica pois, cientificamente, o fenômeno sobrenatural não teria ocorrido “de fato”.

O que acontece é que não importa o que as ciências naturais digam, as pessoas, a partir de uma cultura experimental que interpreta esses fenômenos como manifestações de uma dimensão suprarreal os interpretarão como manifestações do sobrenatural no mundo real e, mais do que isso, segundo Scott Atran (2004) a atribuição de agência é a primeira opção para nosso cérebro que ainda é o mesmo de cerca de 50 mil anos atrás — e um agente é toda entidade dotada de intenção, propósito e força controladora (interna ou externa). A atribuição de agência é resultado de nossa necessidade de detectar padrões no meio ambiente de forma a encontrar predadores e fugir deles. Acontece que a detecção de padrões não é perfeita e podemos detectar um predador onde ele não está, bem como um agente: pode ser que alguém tenha perdido um objeto e volte a encontrá-lo por mera coincidência, mas o impulso de acreditar que outrem (um agente) o teria deixado lá é irresistível.

Por essa e outras razões apresentadas é que precisamos entender que o sobrenatural não pode ser simplesmente um fenômeno que supere física, mental ou tecnologicamente a ação humana sobre o real nem como uma falha de leitura de eventos naturais, quando se trata de narrativas de ficção. É preciso entendê-lo como um fenômeno de linguagem que dá corpo ao que só existe enquanto indícios fragmentados captados por nossa percepção e que evolui conforme a tecnologia. O sobrenatural é, dessa forma, um vetor do pensamento abduutivo.

## **ABDUÇÃO**

Em artigo que recupera as reflexões de Peirce sobre esse método de pesquisa (em comparação com a indução e a dedução), Javier Nunez

Moscoso (2013) trata da abdução como um caminho para orientar o trabalho docente. Entretanto, para nosso objeto de pesquisa, o sobrenatural como figura de linguagem, retenhamos o elementar de seu pensamento:

A abdução é um processo que opera a partir de uma teoria compreensiva da realidade, que permite preparar o trabalho empírico e reduzir o campo a estudar. O lugar da hipótese não é *a priori*; ela emerge dos dados para, em seguida, abrir-se rumo a uma fase de verificação dessa hipótese.<sup>10</sup> (Moscoso, 2013, p. 58)

E também aqui:

Inicialmente, podemos afirmar, com Peirce (2000), que a abdução deve ser considerada como o único caminho para chegar a uma ideia nova. Baseada no espanto frente a um evento sem explicação (característica em comum com a indução), a abdução encarna um processo em que a dúvida (em todas as suas formas; o questionamento das teorias, a busca por explicações e por argumentos válidos...) representa o núcleo duro da pesquisa.<sup>11</sup> (Moscoso, 2013, p. 63)

Neste caso, podemos entender que a abdução é um processo sub-reptício à elaboração do sobrenatural como figura de linguagem conforme vimos discutindo, pois o que há aqui é a percepção

---

10 L'abduction est une démarche opérant à partir d'une théorie compréhensive de la réalité qui permet de préparer le travail empirique et de réduire le champ à étudier. La place de l'hypothèse n'est pas *a priori* ; elle émerge des données pour, ensuite, s'ouvrir vers une phase de vérification de cette hypothèse.

11 D'emblée nous pouvons affirmer, avec Peirce (2002), que l'abduction doit être considérée comme la seule voie pour arriver à une idée nouvelle. Fondée sur l'étonnement face à un événement sans explication (caractéristique en commun avec l'induction), l'abduction incarne une démarche où le doute (sur toutes ses formes : la mise en question des théories, la quête d'explications et d'arguments valides...) représente le noyau dur de la recherche.

de fragmentos do real que, quando alinhados por nexos causais narrativos, dão corpo a uma entidade, dimensão ou processo até então desconhecidos. Esse corpo é formado a partir de dados retirados tanto do meio ambiente físico quanto intelectual da população culturalmente envolvida: animais, minerais, vegetais, práticas culturais, costumes, tradições, artefatos, etc. Um exemplo disso poderiam ser os deuses zootropomórficos egípcios: seres representados com corpos humanos dotados de cabeças de animais da fauna local aos quais foram atribuídas atividades tradicionais da cultura do povo do Egito. Esses elementos sobrenaturais fazem parte do conjunto de mitos e lendas que deram sentido à política, cultura e economia de uma nação.

Entretanto, não apenas narrativas de cunho coletivo, como também contos fantásticos modernos podem ter seus elementos sobrenaturais extraídos do meio ambiente cultural de seus autores. Assim, podemos entender que, mesmo que as primeiras formulações não se confirmem após exame científico, trata-se de uma primeira tentativa original e criativa para responder a uma questão até então ignorada. No conto “O visionário”, de Jean Lorrain, temos a manifestação dos estados alterados de consciência como ponto de partida para a criação de uma explicação nova para um fenômeno sobrenatural vivenciado pelo protagonista: mesmo assumindo ter sido num passado remoto um consumidor contumaz de éter e vítima de suas alucinações, continua interpretando as feições dos seus concidadãos parisienses como metáforas de animais, ou seja, teve sua visão transformada pela experiência e, dali em diante, enxerga

duas realidades sobrepostas, o que se coaduna com a continuação da reflexão de Moscoso:

Assim, esse processo é iniciado por um “fato surpreendente”, que poderia ser explicado a partir de uma hipótese que ganha sua força a partir dos dados empíricos [...] Um fato é “surpreendente” seja porque é “novo”, seja porque é “anormal” se comparado às nossas crenças (Aliseda, 1998) [...] O papel da abdução é, portanto, provocar o surgimento de uma hipótese capaz de apaziguar a dúvida diante de um fato surpreendente, ou seja, que ela deve facilitar o retorno ao estado de crença. O exercício intelectual demandado pela abdução é, por um lado, dual, uma operação de “instinto racional” [...]: por um lado, a abdução é instintiva, pois ela clama pela criação e pela escolha de uma hipótese dentre várias possíveis; por outro, ela fica submetida aos critérios da razão argumentativa. Da mesma forma, uma hipótese abductiva deve ser cumprida com dois aspectos suplementares: ela deve ser colocada à prova em comparação com o mundo empírico e ela deve ser econômica (garantir o caminho mais curto possível).<sup>12</sup> (Moscoso, 2013, p. 66)

Embora Moscoso esteja, como já comentamos, lidando com o raciocínio abductivo em oposição à indução e à dedução e elaborando uma proposta para a formação docente, suas ideias respondem bem às nossas questões sobre o processo criativo de autores, seja

---

12 Ainsi, ce processus est-il initié par un « fait surprenant », qui pourrait être expliqué à partir d'une hypothèse qui prend sa force des données empiriques [...] Un fait est « surprenant » s'il est soit « nouveau » soit « anormal » vis-à-vis de nos croyances (Aliseda, 1998). Ceci provoque le « doute », car nos croyances ne sont pas capables d'expliquer ce fait. Pour Peirce, douter de nos croyances est le moteur qui mène l'enquête, à la recherche d'une nouvelle croyance [...] Le rôle de l'abduction est donc de faire émerger une hypothèse capable d'apaiser le doute face au fait surprenant, c'est-à-dire qu'elle doit faciliter le retour à l'état de croyance [...] De même, une hypothèse abductive doit s'accomplir avec deux aspects supplémentaires : elle doit être mise à l'épreuve vis-à-vis du monde empirique et elle doit être économique (assurer le chemin le plus court possible).

de ficcionistas modernos, seja o primeiro contador de histórias que desencadeou uma tradição. A observação do real leva a formular perguntas sobre os processos ocultos por trás dos fatos, ou seja, sua causa primeira.

Mesmo assim, é preciso considerar o sobrenatural que não é uma explicação para um fato empírico também poder ser analisado pelo prisma do pensamento abduativo. Tanto do ponto de vista de uma narrativa como *A metamorfose* (Kafka, 1914) ou *O pé da múmia* (Gautier, 1840) em que temos o sobrenatural como figura de linguagem dentro do próprio texto: enquanto Kafka apresenta um personagem que se transformou naquilo que realmente é, ou seja, o subjetivo tornando-se objetivo, concreto, Gautier apresenta uma prova de que o evento sobrenatural, de fato, teria ocorrido, não sem manter a ambiguidade sobre o objeto que foi trocado (o pé da múmia, comprado de um antiquário, por uma figura de massa verde, que a múmia, uma princesa, carregava em seu pescoço). Nesses dois casos, foram tornados concebíveis eventos indisponíveis porque são possíveis apenas por meio da linguagem. A diferença entre eles é que, no caso de Kafka, a metáfora se materializa e, no de Gautier, problematiza-se a implicação de um evento sobrenatural ocorrer numa realidade em que ele não é possível. Assim sendo, podemos ter dois gêneros narrativos distintos (insólito e fantástico) em que o sobrenatural se manifesta de forma distinta, sem deixar de sê-lo, independentemente da época ou cultura.

Analisando de uma perspectiva histórica, segundo Costa Lima (*Sociedade e discurso ficcional*, 1986) é possível afirmar que a partir

do Humanismo (século XVI), os cronistas paulatinamente se deram conta de sua subjetividade quando da produção de discursos oficiais e que sua experiência pessoal interferia nos recortes que faziam dos fatos, não só pela sua limitação de acesso a registros desses fatos como também pelas pressões que sofriam, como indivíduos, para que sua narração contemplasse mais a uns personagens históricos do que a outros. Isso quer dizer que narrar já não era mais refletir o real de forma completa e inequívoca, o que, por um lado dá mais liberdade aos artistas, mas também os joga num limbo de incertezas.

O Iluminismo do século XVIII acrescenta mais um elemento nessa restrição à liberdade de expressão: apenas o que pode ser comprovado empiricamente é levado a sério, relegando narrativas de cunho fantástico (produto da fantasia) ao nível das crianças, velhos e ignorantes. Essa não é uma questão apenas da sociedade ocidental de matriz europeia, pois mesmo povos originários muito afeitos às suas tradições sobrenaturais apresentam limites para o que é ou não meritório de crença (Boyer, 2001). O que ocorre a partir do Iluminismo é a imposição de um sistema de crenças universal e inquestionável, mas cujo acesso depende de um processo de escolarização que despirá o indivíduo do conjunto de crenças original que constituiu sua identidade e seu senso de pertencimento.

Além disso, nossas expectativas intuitivas construídas a partir de nosso sistema de inferências que busca sempre um agente causador do evento misterioso observado não pode ser extirpado. E a melhor maneira de atender a essas expectativas é mobilizar o raciocínio abduutivo de forma a conceber aquilo que está indisponível, mesmo que isso resulte numa entidade, num objeto ou num processo contrafactual.

Nesse aspecto, cabe lembrar do papel da tecnologia em oposição ao sobrenatural: conforme ela evolui, muito do que já foi considerado sobrenatural passa a ser natural. Mas isso não significa que uma narrativa de séculos atrás perca seu valor ou precise ser reclassificada. Os mitos e lendas com seus deuses e metamorfoses continuam sendo narrativas do sobrenatural ainda que não haja mais quem neles acredite, porque o processo que nossos antepassados empregaram para lidar com seu meio ambiente foi o mesmo que desencadeou e consolidou a narrativa fantástica do século XIX, mas com uma pequena diferença: no princípio, narrar era criar o real; com o passar do tempo, narrar tornou-se a capacidade de acrescentar uma nova camada de sentido ao mesmo real, sempre transformado pelas mudanças tecnológicas.

## **CONCLUSÃO**

O sobrenatural é uma figura metonímica de linguagem que torna concebível aquilo que está indisponível, seja porque encontra-se ausente, seja porque simplesmente não existe ou só é possível por meio da linguagem, visto que apresenta o fenômeno ou efeito (verificável ou não) no lugar da causa (real ou imaginária). O emprego do sobrenatural nas relações cotidianas da mente humana com a realidade se dá pela necessidade que as pessoas têm de extrair o máximo de informação de seu meio ambiente para torná-lo previsível e, conseqüentemente, seguro. Essa necessidade é atendida pelo pensamento abduativo, o qual, diferentemente do indutivo e do dedutivo, permite a busca por uma resposta original e criativa para os mistérios que inquietam os humanos. Como vetor do pensamento abduativo, o sobrenatural é uma ferramenta poderosa para criar

uma resposta nova para um problema novo sempre dentro de uma escala humana, expressa a partir de uma gramática já conhecida. A matéria prima dessa integração conceitual são os estados alterados de consciência (que nos dão a impressão de existir uma dimensão suprarreal alheia às leis naturais de nosso mundo) e as coincidências fortuitas (que nos permitem acreditar na manifestação de entidades alheias às mesmas leis naturais de nosso mundo e que agem sobre este de acordo com seus próprios interesses). Considerando que estados alterados de consciência e coincidências fortuitas são elementos do mundo real verificáveis independentemente de crenças, podemos contiguamente (metonímia) elaborar narrativas que coloquem essas vivências numa escala humana por meio de uma experiência significativa, metaempírica, que nos sidera do mundo real durante seu percurso (leitura, audição) e nos permite voltar com uma nova visão sobre nossa própria realidade.

### REFERÊNCIAS

ATRAN, Scott. *In gods we trust: The evolutionary landscape of religion*. Nova York: Oxford University Press, 2004.

AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BOYER, Pascal. *Et l'homme créa les dieux*. Comment expliquer la religion. Paris: Gallimard, 2001.

COSTA LIMA, Luiz. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

FURTADO, Filipe. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

GAUTIER, Théophile. *O pé da múmia*. In: PAES, José Paulo (Org.). *Os buracos da máscara*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

HOBSON, J. Allan. *The dream drugstore*. Chemically altered states of consciousness. Massachusetts: The MIT Press, 2001.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Eletrônico Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Londres: University of Chicago Press, 1980.

LEENHARDT, Henry. Essai sur la notion de surnaturel. *Revue d'histoire et de philosophie religieuses*, 12e année, n. 3, p. 212-244, mai/juin, 1932.

MAIN, Roderick. *The Rupture of Time*. Synchronicity and Jung's Critique of Modern Western Culture. Nova York: Brunner and Routledge, 2004.

MILLET, Gilbert; LABBÉ, Denis. *Les mots du merveilleux et du fantastique*. Paris: Éditions Belin, 2003.

MOSCOSO, Javier Nunes. *Et si l'on osait une épistémologie de la découverte?* La démarche abductive au service de l'analyse du travail enseignant. *Penser l'éducation*, 33, p. 57-80, 2013.

PIERINI, Fábio Lucas. Três mulheres e uma rua: coincidências fortuitas e atos gratuitos em Bingham Street. *Abusões*. Rio de Janeiro: UERJ publicações, n. 23, ano 10, p. 275-318, 2024.

PRINCE, Nathalie. *Le fantastique*. Paris: Armand Colin, 2009.

TODOROV, Tzevetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva 2010.